

Quando eu era criança, ouvi de meu pai, Diakuru "Pepy Iãri Kumu", que era um especialista em curas e um grande sábio, a história da Lagoa dos Mortos. Eu, que gostava de histórias de assustar, fiquei bem atento. Meu pai passou as mãos pela minha cabeça e explicou que aquela não era apenas uma história de assustar, mas também um conhecimento dos antigos e que eu deveria ouvir com atenção, respeito e guardá-la dentro do coração.

...

Menção Honrosa no 10º Concurso Tamoios de Textos de Escritores Indígenas criado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) em parceria com o Instituto UKA - Casa dos Saberes Ancestrais, que reconhece o trabalho inédito da escrita literária criada por indígenas.

JAIME DIAKARA  
DANIEL MUNDURUKU

# WAHTIRÃ

A LAGOA DOS MORTOS

ILUSTRADO POR MAURICIO NEGRO

autêntica  
www.autenticacultura.com.br



autêntica



MENÇÃO HONROSA NO  
10º CONCURSO TAMOIOS  
DE TEXTOS DE  
ESCRITORES INDÍGENAS

Copyright © 2016 Daniel Munduruku  
Copyright © 2016 Jaime Diakara  
Copyright ilustrações © 2016 Mauricio Negro  
Copyright desta edição © 2016 Autêntica Editora

Todos os direitos reservados pela Autêntica Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

PROJETO GRÁFICO  
Maurício Negro

DIAGRAMAÇÃO  
Larissa Carvalho Mazzoni

PREPARAÇÃO E REVISÃO  
Maria Theresa Tavares

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Diakara, Jaime  
Wahitirá : a lagoa dos mortos / por Jaime Diakara, Daniel Munduruku;  
[ilustrado por Mauricio Negro]. – 1. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

ISBN 978-85-8217-980-2

1. Ficção - Literatura infantojuvenil
2. Folclore indígena I. Negro, Mauricio . II. Título.

16-03744

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:  
1. Ficção : Literatura infantil 028.5  
2. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5

 GRUPO AUTÊNTICA

**Belo Horizonte**  
Rua Carlos Turner, 420  
Silveira - 31140-520  
Belo Horizonte - MG  
Tel.: (55 31) 3465-4500

**Rio de Janeiro**  
Rua Debret, 23, sala 401  
Centro - 20030-080  
Rio de Janeiro - RJ  
Tel.: (55 21) 3179-1975

**São Paulo**  
Av. Paulista, 2.073,  
Conjunto Nacional, Horsa I  
23º andar - Conj. 2301  
Cerqueira César - 01311-940  
São Paulo - SP  
Tel.: (55 11) 3034 4468

[www.grupoautentica.com.br](http://www.grupoautentica.com.br)

JAIME DIAKARA  
DANIEL MUNDURUKU

# WAHTIRÃ

A LAGOA DOS MORTOS

ILUSTRADO POR MAURICIO NEGRO

autêntica



VENCEDOR DO  
10º CONCURSO TAMOIOS  
DE TEXTOS DE  
ESCRITORES INDÍGENAS



Dedico este trabalho ao amigo/autor Jaime Diakara, por seu empenho em aproximar nossos povos.

Daniel Munduruku

Dedico este livro aos amigos Harold Martin Wright, Ennio Candotti, Roberto Morais, Gilton Mendes dos Santos, Carlos Dias, Raimundo Nonatos, Ana Luisa Sertã, Marielli Bimbatti, Antônia Barroso, Karla Arakaki, Tatiane Ribeiro e Vanessa Gama, por seu apoio e dedicação. Dedico também aos amigos indígenas Domingos Barreto, João Paulo Lima Barreto, Bonifácio Baniwa, Maximiliano Correa, Ely Macuxi, Daniel Mundurucu, Yaguarê Maraguá e, principalmente, a minha família: meu pai, Americo Diakuru, minha esposa, Sonia da Silva Vilacio, minha filha, Maria Sandyelly Wuahó Dihputiro, e meus irmãos Durvalino, Clarinda, Elza, Nazareno e Genival, que lutam pelo fortalecimento da nossa cultura.

Jaime Diakara

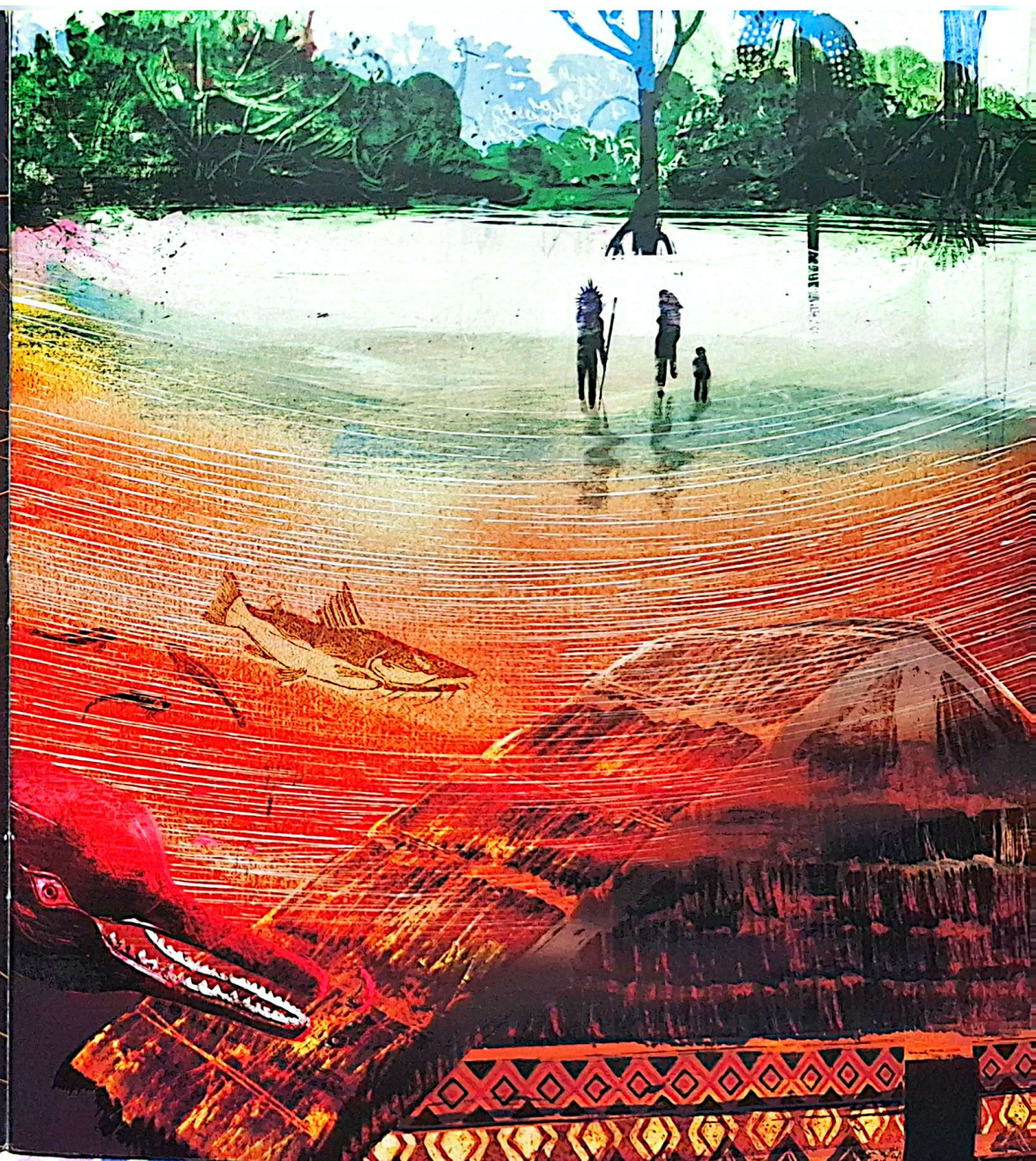


Quando eu era criança, ouvi de meu pai, Diakuru “Pepy Iārī Kumu”, que era um especialista em curas e um grande sábio, a história da Lagoa dos Mortos. Eu, que gostava de histórias de assustar, fiquei bem atento. Meu pai passou as mãos pela minha cabeça e explicou que aquela não era apenas uma história de assustar, mas também um conhecimento dos antigos e que eu deveria ouvir com atenção, respeito e guardá-la dentro do coração.

Tudo aconteceu – ele disse –, quando Baya Kumu, do nosso grupo Dessana, ficou doente. A doença era fatal, e ele sabia disso. Acontece que ele tinha um filho de quem gostava demais e não queria se separar dele nem depois de morto. Chamou, então, a moça que do pequeno Mairītibi tomava conta, cujo nome era Porômô, e combinou com ela uma coisa: quando ele morresse, ela devia segui-lo levando consigo o filho amado. Ela prometeu que faria isso.

Passados alguns dias, o sábio, de fato, veio a falecer. Toda a comunidade chorou muito a morte dele. Enquanto a viúva velava o corpo do marido, Porômô pegou o pequeno Mairítibi e foi esperar o espírito do morto no meio do caminho. Não demorou muito e Baya Kumu chegou. Ele estava todo enfeitado com adornos corporais e um lindo cocar na cabeça. De seus braços, pendia um chocalho que fazia um barulho: *Chá, Chiu...chá, chiu, chá*.

Quando Baya Kumu viu os dois, ficou muito feliz e pediu que os seguissem. Porômô carregou a criança e pôs-se a caminhar durante algumas horas, até que chegaram num lago bonito, de águas cristalinas, com muitos peixes e cercado de praias. Enfim, um lindo lugar! Baya Kumu deixou que os dois descansassem da longa caminhada, e logo em seguida ordenou que pulassem na água com ele. Foi o que fizeram. O salto foi grande e, ao invés de boiar, os dois afundaram e chegaram à porta de uma maloca grande e escura: a Maloca das Almas, lugar para onde retornavam os espíritos dos mortos.





Meu pai, Diakuru, disse isso com a voz tremida e eu cheguei a ficar com medo. Eu estava tão concentrado na história que queria que ele continuasse a contá-la. Percebendo minha ansiedade, ele retomou a narrativa:

– O Baya Kumu entrou primeiro na Maloca das Almas, fazendo seu ritual. Ali, seu espírito tinha um lugar reservado para seu retorno, feito com casca de madeira. A Maloca se divide em dois compartimentos: o da esquerda era para os espíritos mais antigos e o da direita para os que estavam chegando.

Fiquei imaginando em minha cabeça como deveria ser interessante aquele lugar. Quase perdi o fio da história. Papai me chamou a atenção e eu voltei a ouvi-lo.

– Quando Baya Kumu chegou lá, os espíritos antigos vieram lhe dar boas-vindas e conduzi-lo ao seu lugar. Ele poderia ficar ali por algum tempo ou para sempre, caso assim o desejasse.

– E o que aconteceu com os dois que não tinham morrido? – perguntei rapidamente.

- Eles foram levados para outro lugar para ficarem juntos, Diakara. Eles não estavam mortos e, por isso, não tinham lugares reservados ainda. Foi por essa razão que um espírito feminino lhes indagou: "O que vocês vieram fazer aqui, minha filha? Não temos nada para oferecer a vocês. Não temos comida, nem temos fogo".

Porômô contou que tinham ido porque Baya Kumu não quis separar-se do filho amado. O espírito da mulher disse, então, que caso sentissem fome teriam que ir para o lado de fora da Maloca, que lá tinha uma roça de batata-doce e que poderiam esquentar na palma da mão e dar para Mairitibi quando ele tivesse fome.

Algum tempo depois, o menino sentiu fome. Porômô foi até a roça, retirou algumas batatas-doces e, quando serviu, notou que aquilo não era, de fato, batata-doce, mas um punhado de cobras-cegas. Claro que não serviu para a criança, que também achou estranha aquela comida.





Mais uma vez fiquei imaginando a cena. Era estranho imaginar um mundo em que as coisas não eram o que pareciam ser. Mortos que pareciam com os vivos; vivos que conviviam e conversavam com os mortos; alimentos que eram cobras-cegas. Ufa! Só me dei conta que estava “viajando” quando papai retomou a história.

– O tempo foi passando, passando e Porômô, agoniada, deu um jeito de dar comida para o pequeno Mairitibi, buscando frutinhas que achava na capoeira. Mesmo assim, não aguentava mais aquela vida, porque ali não havia fogo e eles sentiam muito frio dentro da Maloca das Almas. Na hora de dormir era um sufoco, porque precisavam de fogo para se aquecer. Um dia, de repente, Porômô olhou para a escuridão da noite e viu faíscas no canto da maloca. Ela ficou toda contente achando que ia pegar uma faísca com uma talha de turi para fazer fogo e assim se aquecer. Sua frustração foi grande quando descobriu que não se tratava de faísca de fogo, mas do olho de uma alma. Sempre que Porômô tocava ali com a talha de turi, a alma reclamava dizendo: “Não perturba! Você fica perturbando muito. Quando nós éramos vivos, nós perturbávamos muito os outros. Mas agora só estamos descansando e você fica mexendo conosco!”.

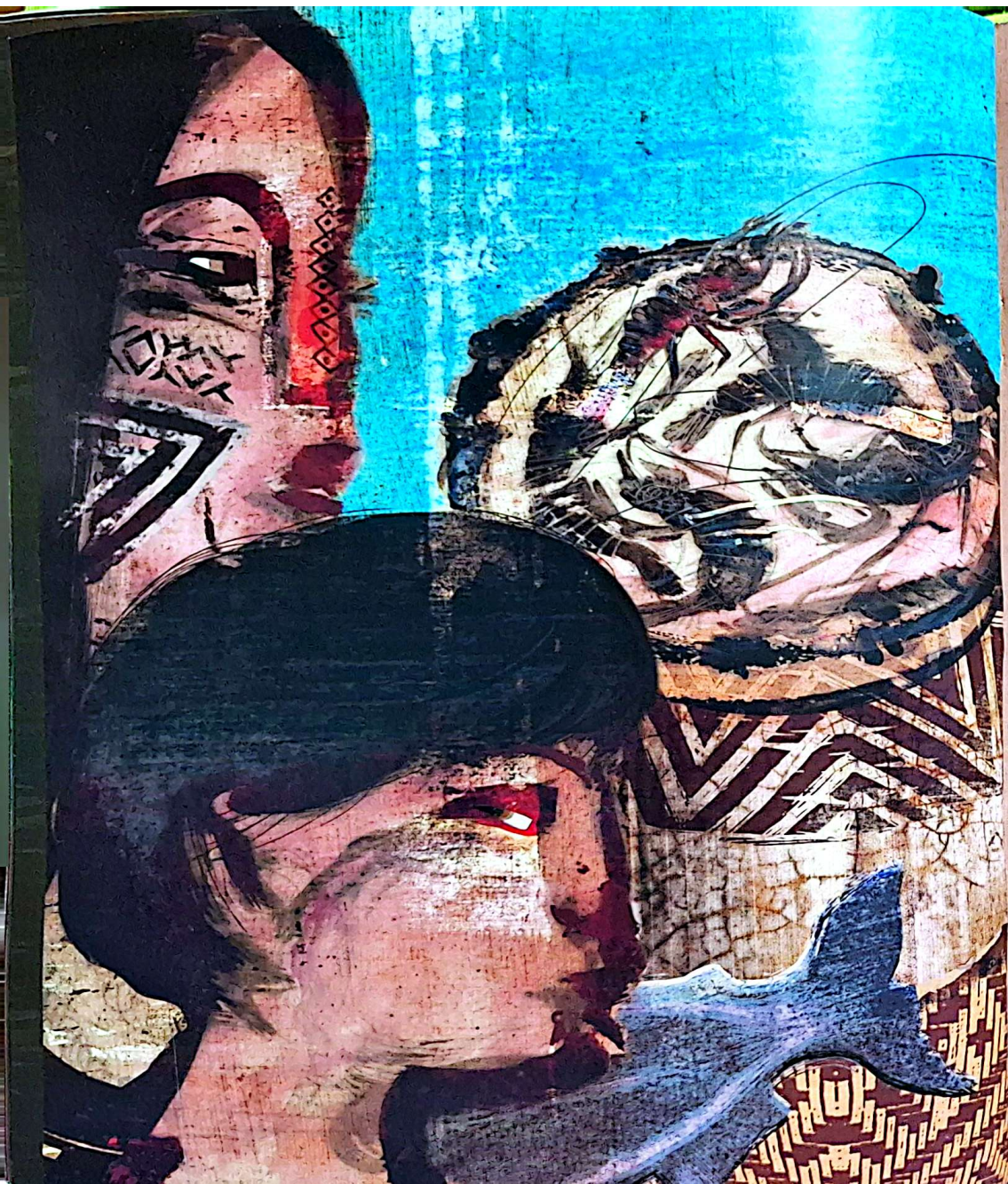
Escutando isso, Porômô desistiu de fazer o fogo e continuou sua tristeza de viver com o frio.

Meu pai fez um intervalo. Aproveitei e fui ao mato fazer necessidades porque já fazia um bom tempo que eu estava ali sentado. Claro que eu não estava cansado, mas o corpo tinha necessidades, e eu aproveitei o intervalo também para tomar água e pegar um pedaço de beijú que minha mãe havia acabado de fazer. Quando voltei meu pai já estava me aguardando.

- Um dia, bem cedo, Porômô decidiu entrar por uma porta que haviam lhe dito ser proibida. Do outro lado, ouviu gritos de crianças. Foi espiar. Eram crianças mesmo! Elas brincavam na água, pulavam de uma canoa e mergulhavam no rio. Vendo aquilo, a jovem gritou: "Meninos, vocês poderiam vir aqui nos buscar e nos levar para esse lado do lago?"

Um menino ouviu o grito de Porômô e a orientou: "Olha só! Bem aí do lado tem um toco de pau embaixo d'água. Suba nele e venha empurrando até aqui".





Porômô fez o que lhes disseram. Ela chegou na outra margem e encontrou as crianças que, na verdade, eram filhos das cutias, pacas, antas e outros animais. Elas levaram Porômô e Mairîtibi até a maloca de seus pais que estavam voltando naquele momento da roça. Eles chegaram com vários cestos de camarão, porque era verão e nessa época há fartura deles. Cumprimentaram os dois e os convidaram para almoçar. Ali havia muitos peixes, frutos, beijus, etc. Eles ficaram conversando enquanto a comida ficava pronta até que alguém comentou: “Fomos coletar pimentas, que está dando muito na roça”.

Porômô e Mairîtibi estranharam o comentário, porque eles estavam vendo camarões. Eles não entendiam muito bem, mas preferiram não falar nada, porque estavam num mundo muito diferente. A conversa seguiu até que alguém quis saber o motivo pelo qual os dois estavam ali, a quem estavam visitando.

Porômô foi logo explicando que não se tratava de uma visita: “Baya Kumu morreu e não quis deixar seu filho entre os vivos, porque o amava demais. É por isso que estamos aqui. Passamos muita fome. Naquela maloca não tinha comida e nem fogo”.

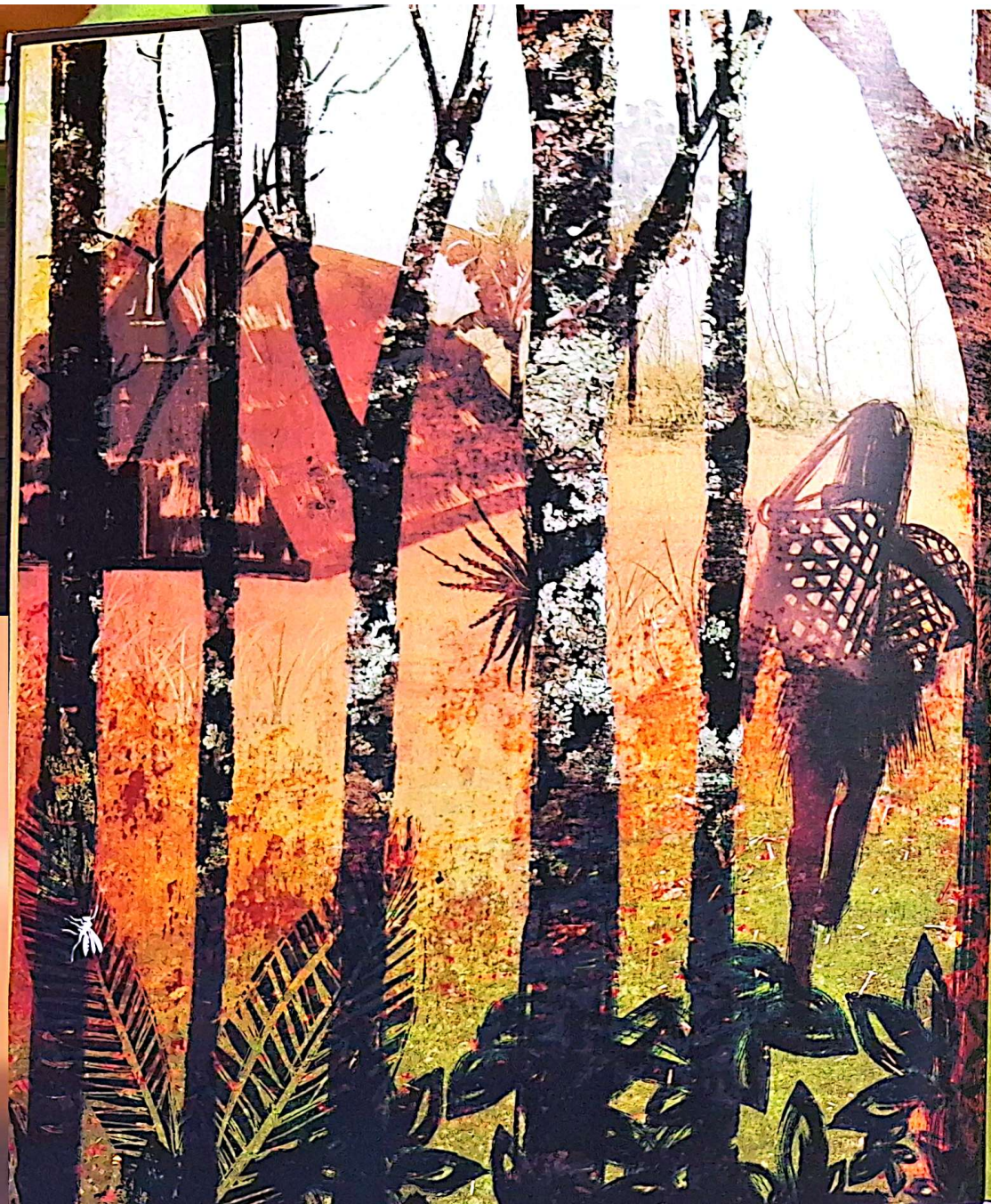
Uma das cutias-mulheres avisou: “As pessoas daquela maloca são almas de mortos. Vocês não deveriam ter ido para lá. Elas são espíritos maus e não dão comida para os visitantes. Mas tudo bem. Vamos cuidar de vocês e daqui a pouco vamos comer a nossa quinhãpira que já está quase pronta. O menino deve estar morto de fome, não é?”.

Houve um silêncio depois dessa fala. É que quinhãpira se faz com pimenta, o que tinham ali eram camarões!

A cutia-mulher continuou: “Hoje eu fui à roça da mãe de Mairitibi. Ela estava chorando muito, está sofrendo muito mesmo! Por isso amanhã vou levar vocês até lá”.

Logo depois que disseram isso, as cutias-mulheres trouxeram a panela de camarão para o centro da maloca. Como o menino estava com muita fome, assentou-se do lado da panela, pegou um pedaço de beiju e comeu, comeu e comeu. Comeu tanto e com tanto apetite que as mulheres ficaram admiradas. Uma delas observou: “Como Mairitibi gosta de comer pimentas! Ele não sente o ardume na boca dele!”.





A cena foi tão forte que as cutias-mulheres adiaram o plano de os levarem de volta. Decidiram que iriam buscar mais camarões para que o menino os levasse para sua mãe: “Amanhã não levaremos mais vocês para a roça, porque Mairitibi precisa levar ‘pimentas’ para sua mãe. Ela é muito boa com a gente, nos trata bem. É com ela que consigo mandioca para fazer beiju para meus filhos”.

E assim aconteceu. Na manhã seguinte, bem cedinho, as cutias-mulheres saíram da maloca atrás de “pimenta”. Quando regressaram, a tarde, trouxeram várias cestas cheias de camarões, que pensavam ser pimentas.

Mais um intervalo meu pai, Diakuru, fez. Alguém veio lhe consultar sobre algo que não ouvi direito. Também não queria saber. Estava mesmo era concentrado na história, tentando imaginar seu final. Não via a hora de meu pai continuar. Fiquei feliz quando a pessoa foi embora.

– Meu pai pode continuar a história? – perguntei ansioso. Papai disse para eu ter calma, porque as palavras precisam descansar também. Eu ri das palavras dele. Meu pai era um homem muito sábio. Sem nenhum aviso, continuou a falar.

– No outro dia levantaram cedo para levar Porômô e Mairítibi na direção da roça da mãe dele. Caminharam por um longo tempo. Atravessaram um rio, o Igarapós; passaram sob troncos caídos até chegarem à roça. Só que eles chegaram antes da mãe do menino. Para não perder tempo, pediram para Porômô do Baya Kumu para arrancar mandiocas e encher o aturá com elas. Pediram para o pequeno Mairítibi sentar-se no tronco de uma árvore caída para esperar sua mãe chegar.

Algum tempo depois, a mulher chegou. Chorava muito por seu filho. No entanto, quando viu que as mandiocas haviam sido arrancadas, ficou muito furiosa com as cutias e ralhou com elas: “Suas cutias sem vergonha! Vivem arrancando a mandioca da minha roça enquanto meu marido e meu filho estão apodrecendo. Vocês querer comer tudo o que tenho e não dão a mínima para meu sofrimento! Fiquem sabendo que eu vou lhes matar se eu as vir por aqui mais algum dia!”.

Acontece que para as cutias-mulheres as palavras da viúva eram de boas-vindas e que se quisessem poderiam pegar mandioca à vontade. É que no pensamento dos Dessana, as mulheres aprendem que as cutias entendem tudo ao contrário. Ou seja, se você fala zangado, elas acham que está feliz; se fala calmo, feliz, acham que está zangado.





Meu pai falou isso e riu, porque todos nós rimos também. Era engraçado o pensar das cutias!

– Foi naquele momento de raiva que a viúva alcançou com os olhos Porômô e Mairítibi sentados no tronco. A mãe exclamou feliz: “Vocês voltaram!”, e pegou o menino no colo, chorando de felicidade. “Meu filho querido. Eu pensava que estava morto, mas agora vejo que está vivo!”

Depois de muito abraçar o garoto, foi providenciar algumas batatas-doces para assar e fazê-lo comer. Em seguida, Porômô deu à viúva o cesto de camarões que as cutias-mulheres tinham deixado para ela. Só então contou que foi graças a elas que puderam retornar. Porômô deixou um recado que era preciso separar sempre um pouco de mandioca para elas.

“Vou deixar sempre”, disse a viúva, “como forma de agradecimento, porque as cutias trouxeram meu filho de volta”.

– Sabe, meu filho, que é por isso que até hoje as mulheres de nosso povo deixam alguma mandioca para trás? As mulheres acreditam que as cutias são gente como nós. Bonito isso, não é?

## UMA PALAVRINHA ENCANTADA

Por Daniel Munduruku

Espero que os leitores façam a mesma viagem que eu e se sintam como a própria Alice, entrando no País das Maravilhas. Verdade mesmo! O texto nos faz entrar num mundo onde seres humanos interagem com animais, seres fantásticos ficam transvestidos de crianças, mortos convivem com os vivos, etc. Verdadeira terra do contrário em que Alice viveu. É um exercício muito feliz de imaginação, ao mesmo tempo em que se depara com a cultura de um povo diferente e sábio.

O texto traz a perspectiva de um universo fantástico, repleto de sentimento, de doçura. Ao mesmo tempo, nos convida para uma aventura pelo desconhecido e por uma sabedoria que está tão perto de nós, mas que deixamos passar, buscando os conhecimentos de outros lugares distantes.

Prestem atenção na história. Tentem conectá-la com as histórias que já conhecem, como as da Branca de Neve, Cinderela, Alice no País das Maravilhas ou até mesmo com as aventuras do Sítio do Picapau Amarelo. Comparem um pouco e perceberão que elas nos pedem uma chave para poder entrar. Todas elas trazem para nós a necessidade de nos perdermos para nos acharmos novamente; sofrer para vencer; dar para receber. Essas histórias contam os mistérios da nossa existência, e é assim que devem ser lidas. Só nosso coração pode nos dar respostas, mas o texto que têm em mãos é, certamente, um bom começo para encontrá-las.

Desejo que consigam fazer essa “viagem” para dentro de si mesmos e não temam enfrentar os medos que tal viagem proporciona.

## OS AUTORES

### Daniel Munduruku

Escritor indígena graduado em Filosofia, tem licenciatura em História e Psicologia, doutorado em Educação (USP) e pós-doutorado em Literatura (UFSCar), sendo o último título obtido sob a orientação da Profa. Dra. Maria Sílvia Cintra Martins. É diretor presidente do Instituto UKA – Casa dos Saberes Ancestrais – e comendador da Ordem do Mérito Cultural da Presidência da República desde 2008. Em 2013 recebeu a mesma honraria na categoria da Grã-Cruz, a mais importante honraria oficial a um cidadão brasileiro na área da cultura. É também Membro Fundador da Academia de Letras de Lorena e recebeu diversos prêmios no Brasil e exterior, entre eles o Jabuti, o Prêmio da Academia Brasileira de Letras, o Prêmio Érico Vanucci Mendes (outorgado pelo CNPq) e o Prêmio Tolerância (outorgado pela UNESCO). Muitos de seus livros receberam o selo Altamente Recomendável outorgado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

### Jaime Diakara

Indígena do povo Dessana do Grupo Wari Diputiro Porã, e também conhecido como Jaime Moura Fernandes. É graduado em Licenciatura em Pedagogia Intercultural Indígena pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), mestrando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), agente cultural, escritor, professor indígena, conhecedor sobre cosmologia Dessana, contador de história e ilustrador. Foi vencedor da coleção PROARTE de Literatura de 2013 da Secretaria de Cultura do Estado do Amazonas, vencedor do Prêmio de Tamoios de 2012 e recebeu menção de honra da Obra literária Indígena de 2012 da Feira Nacional de Literatura Infanto-Juvenil FNLIJ no Rio de Janeiro. É autor dos livros infanto-juvenis *Yahi Puíro Ki'ti – A origem da Constelação da Garça*, publicado pela Editora Valer, e *Waímurã Ki'tiakã – Historinhas dos Animais*, publicado pela Secretaria de Cultura do Amazonas. Participou da obra literária antologia *LETRAS* na Universidade de São Carlos, lançou o Poema “Dessana” no *Im Flug der Harpyie. No Voo da Harpia: Indigene Poesa Aus Dem Brasianischen Regenwald*, publicado na Alemanha, e é autor de Calendário Lunar do povo Dessana.

## ILUSTRADOR

### Mauricio Negro

É ilustrador, escritor e designer identificado com temas ancestrais, mitológicos, ambientais, étnicos e ligados à diversidade cultural e artística brasileira. Participante de exposições e catálogos, já recebeu prêmios e menções no Brasil e no exterior. De Tiago Hakiy, ilustrou *Awyató-pót: histórias indígenas para crianças*. Com Vângri Kaingáng, escreveu e ilustrou *Jóty, o tamanduá*, e, com Daniel Munduruku, é autor da adaptação *A palavra do grande chefe*. Colabora com diversos escritores indígenas, entre eles Olívio Jekupé, Yaguarê Yamã, Lia Minápoty e Sulami Katy, e também com obras relacionadas às raízes africanas e afro-brasileiras. É coordenador editorial da Coleção Muiraquitãs e membro do conselho diretor da Sociedade dos Ilustradores do Brasil (SIB).